



Resenha de “Uma viagem com a linguística: um panorama para iniciantes”, de Rosa Maria Carlota

Amanda Balbão da Silva¹

 0009-0000-6044-981X

Marcelo Módolo²

 0000-0001-5808-9368

ROSA, Maria Carlota. *Uma viagem com a linguística: um panorama para iniciantes*. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2022.

Biografia

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Maria Carlota Rosa é Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, além de atuar no Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição, com pesquisa nas áreas de Historiografia da Linguística, Morfologia e Leitura.

Os múltiplos destinos da Linguística

Sua obra *Uma viagem com a linguística*, publicada pela editora Pá de Palavra, em 2022, visa a introduzir na Linguística um público ainda não familiarizado com o tema, em especial, estudantes do curso superior de Letras. Para embarcar nessa aventura, porém, não é necessário fazer as malas. Por se tratar de obra introdutória aos estudos do campo, Rosa dispensa bagagens prévias do leitor e, com esse propósito, traz conceitos indispensáveis à compreensão da disciplina antes de desenvolver cada um dos temas abordados

¹ Graduanda em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e Professor de Filologia e Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

nos seis capítulos que compõem a obra. A linguista estabelece, ainda nessa viagem, uma base sólida de fundamentos do estudo científico da linguagem. Com isso, a articulação que há no texto é bastante eficaz ao aliar a didática à complexidade do assunto. Para além dessas características, a obra conta com linguagem acessível, ainda que não se trate de uma descrição rasa da matéria.

Como ponto de partida, Rosa define a Linguística como uma ciência que se atém à língua em si e por si mesma, ou seja, trata-se de uma ciência que não se atém às “coisas”, mas às palavras que dizem sobre as “coisas”. A partir dessa premissa, o linguista se dispõe a estudar o nascimento e a evolução da linguagem, os impactos que a língua em ato gera na sociedade e, ao contrário, as modificações geradas na língua por fatores biológicos, geográficos, sociais, históricos, entre outros. A autora ressalta que os linguistas frequentemente se valem de abstrações – como as noções de *comunidade homogênea* e de *falante-ouvinte ideal* – indispensáveis ao desenvolvimento do estudo nesse campo.

Ao introduzir brevemente as distintas vertentes da área, como Biolinguística, Geolinguística, Sociolinguística, Linguística Computacional, entre outras, Rosa não se esquivava de se posicionar sobre eventuais arbitrariedades às quais algumas vertentes, não raro, estão propensas. Certas ressalvas são apresentadas quanto às correntes prescritiva e normativa, que podem vir a ceifar a pluralidade linguística, auxiliando na manutenção do poder de parcelas da população que detêm o conhecimento de normas gramaticais cultas, ou cujas línguas são consideradas de maior prestígio no meio em que essas parcelas vivem. Promover a conscientização sobre os diversos usos da língua é causa abraçada pela obra como um todo, caracterizando a Linguística como ciência aliada à ampliação do leque de possibilidades de usos da língua, e não como guardião de ideais conservadores.

A autora não se exime de posicionar-se em face de questões contemporâneas relacionadas à variação linguística, adotando um viés mais próximo da gramática descritiva. Sem negar a relevância da norma culta, faz referência a mudanças que não podem ser ignoradas, questionando por que os gramáticos brasileiros hesitam em autorizar algumas expressões, como “assistir o

filme”, utilizadas mesmo pelos falantes mais letrados, e anseiam por manter a regência clássica “*assistir ao filme*” como a única opção adequada. Trata-se menos de respeito ao bom uso da gramática do que de um preciosismo, como se o apreço incondicional à gramática tradicional pudesse suspender a natureza volátil da língua portuguesa, bem como das línguas em geral.

Integrar à norma-padrão as variações que já foram assimiladas pelos falantes não prejudica a manutenção da língua. Pelo contrário, assegura que a diversidade floresça e abra espaço para novas manifestações socioculturais associadas àquela língua que se renova pelo uso. Ao defender as variações linguísticas e também as ampliações de vocabulário decorrentes de empréstimos ou formadas vernacularmente, a autora se insere em um grupo de linguistas que luta pelo futuro das línguas humanas como resultante de mudança, uma vez que apenas línguas ditas “mortas” permanecem estacionadas em sua estrutura. Em se pensando aos moldes do que propõe Saussure (1975), em *O curso de linguística geral*, concebida a língua como um sistema que articula e representa, por meio de signos, o mundo que nos cerca, é evidente que não há como a língua permanecer imóvel enquanto a realidade se lança em inúmeras transformações.

Uma viagem com a linguística não se presta, no entanto, a defender determinada visão teórica em detrimento de outras. A autora realiza uma ponderação precisa entre a importância da conservação da língua – grande responsabilidade das Academias – e os riscos de prezar arbitrariamente alguma variante a todo custo. Veja-se o que ocorreu às línguas bárbaras, de não se assemelharem às línguas ditas clássicas, sendo equiparadas a um balbucio, próximas dos sons emitidos por animais, considerados irracionais. O linguista contemporâneo deve evitar esse tipo de enviesamento, abstendo-se de recomendar ou de rejeitar qualquer uso linguístico, sem depreciar nenhuma modalidade.

Sob o viés objetivo do aprendizado, o leitor facilmente se familiarizará com conceitos como “gramática universal”, “primeira e segunda articulações”, “recursividade”, “informante”, “*pidgin*” e muitos outros que são úteis a qualquer abordagem teórica, sempre elucidados com exemplos que atraem a atenção – como no caso da “língua extraterrestre”, para ilustrar a teoria de Chomsky, e o da

língua assobiada de El Silbo.

Discussões quanto à oficialização de línguas e a padronizações também presentes na obra conscientizam o leitor sobre como a legislação pode ser usada positivamente, para preservar línguas ou elevar seu *status* em uma sociedade, ou negativamente, fortalecendo um cenário de preconceito linguístico. A autora endossa o entendimento de que grande parte do mundo não é monolíngue, incluído o Brasil, que conta atualmente com cerca de 200 línguas vivas, ainda que a Constituição da República mencione explicitamente apenas o português e se limite a autorizar que o Ensino Fundamental regular seja ministrado em línguas maternas indígenas. Abraçando novamente a pluralidade, Rosa também dedica grande seção da obra à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma língua legítima, com sua própria e complexa estrutura gramatical – com variações sociais, regionais e de registro, inclusive –, desmistificando as noções populares de que a LIBRAS se trata de um amontoado de gestos vagos ou de que seria uma tradução gestual e literal da língua portuguesa.

Próximo ao encerramento do livro, o leitor é brindado com a liberdade de escolher o rumo a seguir deste ponto em diante. São múltiplos os destinos de quem se propõe a viajar com a Linguística, e o caminho de pesquisa ideal é aquele mais coerente para cada linguista, como afirma Lenneberg (1967). Longe de demonstrar falta de critério, essa abertura para múltiplas abordagens apenas consolida a Linguística como ciência que respeita a pluralidade, expande-se e alia-se a outras áreas de conhecimento para desvendar os mistérios da linguagem.

Em suma, *Uma viagem com a linguística* é experiência de reconhecimento de nossa própria existência como sujeitos de linguagem, em constante mutação. Conforme diz a autora, “a mudança não é um processo de deterioração de uma língua”. A variedade é inescapável, e respeitar o que é novo e incomum é a única forma de compreender a evolução da linguagem e de evitar que a metodologia de pesquisa linguística se assemelhe à cama de Procusto, distorcendo as diferenças para a experiência real caber em uma teoria tão inflexível que, em verdade, não lhe serve.

SILVA, A. B. da; MÓDOLO, M.

Resenha de “Uma viagem com a linguística: um panorama para iniciantes”, de Rosa Maria Carlota

Referências

LENNEBERG, Eric H. *Biological foundations of language. With appendices by Noam Chomsky and Otto Marx*. New York, London, Sydney: John Wiley and Sons, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

Recebido em: 19 ago.2023.

Aprovado em: 16 nov.2023.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista

